

A FEIRA LIVRE NO SERTÃO DO SERIDÓ POTIGUAR: dos territórios construídos aos lugares praticados

Marcos Antônio Alves de Araújo

Geógrafo - UFRN

E-mail: markufrn@yahoo.com.br

Resumo

Este trabalho tem como objetivo perceber as formas como os territórios são construídos e os lugares são praticados pelos sujeitos participantes de uma feira livre realizada semanalmente no sertão do Seridó potiguar, mais precisamente na cidade de Caicó, localizada na parte centro-meridional do estado do Rio Grande do Norte. Essa feira, ocorrida expressivamente aos sábados, se constitui em um espaço territorializado por inúmeros sujeitos sociais que urdem suas relações econômicas, sociais e culturais. É no dia da feira que pessoas oriundas de outras regiões, do próprio município e da cidade se encontram, estabelecendo territorialidades econômicas e, concomitantemente, tecendo as múltiplas sociabilidades. Feirantes e fregueses se apropriam, semanalmente, dos espaços centrais da cidade, protagonizando um espetáculo de compra, venda e permuta de variados produtos. Assim, a feira livre de Caicó, caracterizada como um dos eventos mais significativos do Estado, ainda se evidencia como um espaço preferencial dos transeuntes, que ao caminhar por suas sendas, realizam atos de comercialização e de trocas simbólicas e culturais, construindo territórios e praticando os lugares de sociabilidades.

Palavras-chave: Feira Livre, Território e Lugar

Tessituras iniciais

Este artigo tem como objetivo perceber as formas como os territórios são construídos e os lugares são praticados pelos sujeitos participantes de uma feira livre realizada semanalmente no sertão do Seridó potiguar, mais precisamente na cidade de Caicó, localizada na parte centro-meridional do estado do Rio Grande do Norte. Atualmente a feira de Caicó se constitui como um espaço de sociabilidades, de tertúlias, de encontros da e na cidade, onde semanalmente são urdidas uma miríade de práticas socioculturais.

Como as feiras livres, embora cada uma tenha suas muitas e devidas particularidades, se constituem em eventos sociais profundamente primevos e que, ainda, acontecem em boa parte dos espaços urbanos, sobretudo, nordestinos, e tendo em vista a inviabilidade de se perquirir todas essas manifestações culturais, selecionamos como recorte espacial desse trabalho, a feira livre da cidade de Caicó.

A justificativa de se estudar a feira em Caicó, decorre do fato desta ser a mais antiga e representativa da microrregião do Seridó potiguar. Essa feira, eivada de elementos simbólicos, representa para a cidade um patrimônio cultural, lugar de memórias, recônditos de tessituras sociais, cenários onde foram e continuam sendo, protagonizados vários capítulos de uma parte da realidade cotidiana dos habitantes caicoenses¹.

Aqui cabe apenas ressaltar que mesmo que a feira de Caicó possua suas singularidades e/ou peculiaridades tecidas pelos sujeitos ao longo de sua história, esta não se evidencia como um evento cultural que acontece isoladamente e hermeticamente, mas sempre em interconexão e recebendo influências de outros arranjos culturais

¹ Adjetivo pátrio dado aos habitantes do município de Caicó/RN.

exógenos, fundando-se num “jogo recíproco de expectativa e observação” (GOMBRICH apud GINZBURG, 2001, p.91).

Nesse sentido, antes de impetuosamente avançarmos para as discussões atinentes a feira livre propriamente dita, faz mister tecer algumas reflexões teóricas sobre a cidade, o território e o lugar, operacionalizados no contexto desse trabalho e essenciais para compreendermos o modo como a feira livre de Caicó se desenvolve a cada evento realizado na urbe.

A cidade, o território e o lugar: por uma abordagem polifônica

Escrita diariamente nas suas diversas páginas, a cidade é um palimpsesto, um hipertexto, um mosaico de vidas, suspiros, devaneios, sentimentos, orgasmos e subjetividades. Em *As cidades invisíveis*, Ítalo Calvino (1990, p. 44), ao discorrer sobre as imagens e memórias que o jovem embaixador veneziano Marco Pólo encontra em suas missões e viagens diplomáticas realizadas pelo império do grande Kublai Khan, afirma que as cidades, como os sonhos, são edificadas por desejos e “[...] medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa”.

A cidade reúne e aglomera, fecunda e gesta em seus meandros, a paixão e o ódio, o sorriso e a lágrima, o nascimento e a morte, o silêncio e o ruído, a lembrança e o esquecimento, a continuidade e a descontinuidade, a disciplina e a burla, a norma e a transgressão, o conflito e a harmonia, a regra e o desvio, a ordem e o caos, a razão e a sensibilidade, o passado e o presente, o arcaico e o moderno, enfim, o vigiar, o punir e o salvar.

Nesse sentido, a cidade se constitui em um emaranhado complexo de “apropriações espaciais que permite a construção e permanência de identificações e práticas culturais de grupos ou agregados sociais diversos” (COSTA, 2005, p. 109). Muitos têm sido os trabalhos, sobretudo, geográficos sobre a cidade, contudo, sua grande parte ler o espaço citadino pela ótica da racionalidade da reprodução capitalista, destacando “a dinâmica do ‘espaço material’ e se esquecendo do componente de subjetividade que permeia o espaço geográfico” (COSTA, 2005, p. 109).

Assim, a cidade se configura em um espaço fragmentado, bricolado de elementos culturais heterogêneos, territorializado e microterritorializado por diversas práticas e ações. Nessas apropriações das malhas espaciais da urbe, são construídos e reconstruídos cotidianamente, por sujeitos ou grupos, uma grande miríade de territórios. Na maioria das vezes, por traz desses territórios urdidos por e a partir de relações de poder, existem uma carga de sentimentos de pertença, de identidades, de expressões simbólico-culturais.

Os territórios, sejam eles urbanos ou não, são produzidos e reproduzidos no momento em que determinados indivíduos ou grupos, se apropriam de um segmento do espaço, demarcando, controlando e vigiando-o. O território aparentemente tem um caráter de fechamento, de isolar algo do perigo de posse do outro. Entretanto, embora tenha até certo ponto esse caráter, o território é em essência a delimitação, a organização, a dominação e o controle, efêmero ou não, de um espaço qualquer.

Essa delimitação pode acontecer tanto através de matrizes materiais, como por meio de elementos intangíveis e/ou simbólicos. Essas circunscrições imateriais são bem perceptíveis nos espaços da feira livre de Caicó, onde é comum ver sujeitos estabelecendo suas atividades em determinadas áreas sem nenhuma delimitação física. Porém, todos os sábados esses indivíduos estão no mesmo lugar desenvolvendo, de forma ressignificada, a mesma atividade. Isso acontece porque, esses sujeitos “tatuaram” o espaço com suas marcas, demarcando e delimitando-o, construindo um território de dimensões microescalares.

Durante muito tempo, esse tipo de território, microterritorializado sob um substrato espacial de escalas, relativamente, pequenas, foi negligenciado por alguns geógrafos e outros cientistas sociais. Entre estes, o alemão Friedrich Ratzel, renomado pensador da Geografia Política, em sua obra *Politische Geographies*, estabeleceu profundas associações entre o discurso atinente ao território como algo eminentemente fixado no referencial político do Estado.

Para Souza (2003, p. 86), sintomaticamente, a palavra que Ratzel comumente usa em sua obra não é “[...] território (Territorium), e sim solo (Boden), como se território fosse sempre sinônimo de território de um Estado, e como se esse território fosse algo vazio sem referência aos atributos materiais [...]”. O território, na visão de Ratzel, estava, essencialmente, mergulhado numa perspectiva estatal, terrestre e secular, portanto, macroescalar e quase infinita.

Todavia, um enraizamento tão forte como esse preconizado por Ratzel e a grande parte da tradição da Geografia Política, não necessita existir para que se tenham territórios (SOUZA, 2003, p. 87). Aprofundando e ampliando essa questão, Souza (2003, p. 87) afirma ainda que:

Territórios, que são no fundo antes relações sociais projetadas no espaço que espaços concretos (os quais são apenas substratos materiais das territorialidades [...]), podem [...] formar-se e dissolver-se, constituir-se e dissipar-se de modo relativamente rápido (ao invés de uma escala temporal de séculos ou décadas, podem ser simplesmente anos ou mesmo meses, semanas ou dias), ser antes instáveis que estáveis ou, mesmo, ter existência regular, mas apenas periódica, ou seja, em alguns momentos – e isto apesar de que o substrato espacial permanece ou pode permanecer o mesmo.

Desse modo, o território pode ser construído em substratos espaciais de escalas pequenas, médias e grandes, bem como, pode ter duração de horas, dias, meses, anos e décadas. Ademais, o substrato material territorializado não precisa ser necessariamente o solo, ou o *Boden* como “pregava” Ratzel, mas, pode ser, indubitavelmente, “uma superfície líquida, um mar territorial. Em algumas áreas do globo terrestre, como no Caribe, o domínio sobre ‘territórios marítimos’ assume importância vital, dos pontos de vistas geopolíticos e geoeconômicos” (SOUZA, 2003, p. 98).

Os territórios ainda podem ser cíclicos, movediços, flutuantes, efêmeros, flexíveis, entidades que se superpõem, com formas diversas e limites não-coincidentes. Exemplificando esses tipos de territórios, Souza (2003, p. 88), cita o caso das microterritorializações das prostitutas nos espaços citadinos do Rio de Janeiro:

Os territórios da prostituição são bastante ‘flutuantes’ ou ‘móveis’. Os limites tendem a ser instáveis, com as áreas de influência deslizando por sobre o espaço concreto das ruas, becos e praças; a criação de identidade territorial é apenas relativa, digamos, mais propriamente funcional que afetiva.

Embora esses territórios da prostituição sejam consideravelmente flutuantes, isso não significa, em absoluto, que espaços não sejam às vezes “intensamente disputados, podendo a disputa desembocar em choques entre grupos rivais – por exemplo, entre prostitutas e travestis, com estes expulsando aqueles de certas áreas” (SOUZA, 2003, p. 88).

Os espaços territorializados podem ser destinados a diversas funções, com apropriações tecidas num interstício temporal diferentes daquelas urdidas em outros momentos. Isso é visível nos logradouros centrais da cidade. Geralmente, durante o dia, os espaços são apropriados por camelôs, ambulantes, comerciantes, feirantes e demais

sujeitos, enquanto que no período noturno, os espaços são territorializados por outros indivíduos. Similarmente, acontecem inúmeras apropriações espaciais desse tipo na urbe.

Como se percebe o território é tramado por diferentes pontos interpretativos, sendo lido por múltiplos olhares e abordagens. Alicerçados nos aportes conceituais de Guattari e Rolnik (2005, p. 388), compreende-se que

[...] o território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente em ‘casa’. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos.

Com base nas discussões de Raffestin (1993), percebe-se que a primeira coisa que se deve ter em mente quando se debruça sobre as questões referentes ao território, é atinar que este não é equivalente, nem a mesma coisa, que espaço. São duas categorias distintas, com conceituações próprias.

Ainda de acordo com esse autor (1993, p. 143), o essencial é compreender muito bem que o espaço precede ao território. Este último se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação empreendida por um personagem “sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator ‘territorializa’ o espaço” (RAFFESTIN, 1993, p. 143). Nesse contexto, é como se o espaço fosse para o território sua matéria-prima.

Conforme Raffestin (1993, p. 144), o território se apóia e se ancora no “espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder. Produzir uma representação do espaço já é uma apropriação, [...] um controle”, mesmo que isso

continue nos limites de um conhecimento. Qualquer “projeto no espaço que é expresso por uma representação revela a imagem desejada de um território, de um local de relações” (RAFFESTIN, 1993, p. 144).

Tendo em vista a diversidade de interpretações acerca da categoria território, Haesbaert (1997, p. 39-40), agrega, sistematicamente, as diferentes abordagens conceituais que permeiam esse conceito em três vertentes básicas:

[...] a jurídica-política, majoritária, inclusive no âmbito da Geografia, onde o território é visto como um espaço delimitado e controlado sobre o qual se exerce um determinado poder, especialmente o de caráter estatal; a perspectiva [...] de Allié (1980) e a abordagem clássica de Ratzel podem ser consideradas nesta versão; a cultural (ista), que prioriza sua dimensão simbólica e mais subjetiva, o território visto fundamentalmente como produto da apropriação feita através do imaginário e/ou da identidade social sobre o espaço; Guattari (1985) e, na Geografia, Tuan (1980, 1983) são autores que, em diferentes posições se aproximam desta abordagem; e a econômica (muitas vezes economicista), minoritária, que destaca a desterritorialização em sua perspectiva material, concreta, como produto espacial do embate entre classes sociais e da relação capital-trabalho.

Pensando o território como produto de uma ação humana, que somente existe com a presença do homem, Haesbaert (1997, p. 42) arrola que o território envolve sempre, concomitantemente, mas em diferentes graus de correspondência e intensidade,

uma dimensão simbólica, cultural, através de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de ‘controle

simbólico' sobre o espaço onde vivem (sendo também, portanto, uma forma de apropriação) e uma dimensão mais concreta, de caráter político-disciplinar: a apropriação e ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos.

Deste modo, atina-se o território como um fragmento espacial delimitado e controlado, onde elementos básicos que o constitui são inerentes a uma ordem material (conteúdo concreto) e uma ordem imaterial ou simbólica (conteúdo abstrato). Na formação dos territórios, o poder se dissemina e se dissolve nas complexas relações sociais, espacializando-se em um determinado arranjo territorial.

Esse poder, durante um extenso tempo, foi pensado e continua sendo por algumas visões presas a uma tradição liberal e marxista, como um mecanismo, no qual somente o Estado, representado pela figura da burguesia, detinha-o em suas mãos. Enquanto que o restante dos grupos sociais, particularmente o proletariado, estaria submisso, ou seria subserviente a esse poder. Destarte, assim como o território, o poder e o Estado eram percebidos como sinônimos. Além disso, o poder era entendido como algo que possuía uma sede própria e, portanto, única, e que dessa sede o emanar-se-ia para o restante do tecido social.

Não obstante, Machado (1995, p. XII), na introdução da obra de *Microfísica do Poder*, afirma que para Foucault, o poder não foi e nem é, eminentemente, criado pelo Estado, nem brotou fora dele. O poder se exerce em “níveis variados e em pontos diferentes da rede social e neste complexo os micro-poderes existem integrados ou não ao Estado” (MACHADO, 1995, p. XII). O poder para Foucault é oblíquo, capilar, um conjunto de dispositivos de domesticação que atravessa os sujeitos onde eles estejam, o compreendido como relações de força, enfrentamentos e jogos de verdade. Esse poder não está somente no centro, mas também nas margens, nos limites e nas fronteiras. Onde o poder menos aparece é onde ele mais atua.

A análise que Foucault não só propõe, mas realiza, estuda o poder, segundo Machado (1995, p. XII), não como uma dominação global e centralizada que se pluraliza, se dispersa e se repercute nos demais setores da vida social de modo homogêneo, mas como tendo uma existência própria e formas singulares ao nível mais elementar.

O mais interessante da análise de Foucault é justamente o fato de que o poder não está situado em nenhum ponto específico da estrutura social, mas, espargido em todas as relações humanas. O poder funciona como “uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, a que não existe exterior possível, limites ou fronteiras” (MACHADO, 1995, p. XIV).

Ademais, o poder muitas vezes foi e ainda é pensado como um dispositivo coercitivo, repressivo, contratual e violento, que se efetua e exerce-se pela força. Porém, Foucault (1995, p. 7-8), contrapõe-se a esse discurso, afirmando, veementemente, que:

Quando se define os efeitos do poder pela repressão, tem-se uma concepção puramente jurídica deste mesmo poder; identifica-se o poder a uma lei que se diz não. O fundamental seria a força da proibição. Ora, creio ser esta uma noção negativa, estreita e esquelética do poder que curiosamente todo mundo aceitou. Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não, você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir.

Desta maneira, o poder era visto como sinônimo de violência e de opressão. Entre os territórios construídos, particularmente na feira livre, o poder está pulsando em todas as relações sociais. A partir das reflexões de Foucault, podemos considerar que na feira livre, o poder não está somente no domínio de um sujeito, nem muito menos, centralizado em um determinado espaço. Entrementes, esse poder está dissolvido e/ou espargido em todas as estruturas e tessituras humanas, transpassando todo o corpo social. O poder atravessa, constitui, fabrica e constrói os sujeitos, bem como, os diversos territórios, mormente, urbanos.

Os territórios não são apenas cenários de protagonizações de poder. Mas, concomitante e, às vezes, confundindo-se com os espetáculos de poder, contracenam-se uma multiplicidade de práticas culturais, afetivas e identitárias. Na verdade, as idéias e os valores culturais são amalgamados a relações de poder. Os territórios urbanos erigidos, principalmente, ao longo da feira livre, se instituem como cartografias espaciais pontuadas de teias e nós de cultura.

Dentre esses elementos culturais, os processos identitários se manifestam com certa veemência entre os homens participantes desse evento histórico-cultural. A partir das relações de sociabilidades tecidas pelos sujeitos participantes dessas tertúlias sociais, as identidades, sejam elas espaciais ou culturais, se materializam nas múltiplas falas, ações e práticas.

Os territórios podem, outrossim, ser configurados em lugares subjetivados e praticados, identificados como espaços de memórias, de sociabilidades e de afetividades. No caso dos territórios da feira livre de Caicó, por exemplo, estes também se constituem, eminentemente, em lugares de sociabilidades, onde vários sujeitos tecem uma rede de encontros, trocas, conversas, enfim, um emaranhado de relações subjetivas com os espaços praticados e, portanto, com os inúmeros lugares da feira.

Por lugar, Carlos (1996, p. 20) enfatiza que este é um segmento do espaço “apropriável para a vida – apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua”, é, portanto a feira. Ainda conforme Carlos

(1996, p. 20), o lugar “é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade *habitante-identidade-lugar*”.

Pode-se dizer que os lugares expressam segurança, representam os centros aos quais atribuímos valores (TUAN, 1983). Segundo Tuan (1983, p. 6), o “que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”. Deste modo, o lugar comporta elementos de afetividades, subjetividades, identidades, pertencimentos, dentre outros.

O lugar se configura na escala mais singular, particular e subjetiva do espaço. No entanto, consideramos que, embora o lugar tenha suas peculiaridades, este resguarda fragmentos do global, visto que não acreditamos em lugares herméticos, mas sim, em lugares que recebem constantemente influências de outros espaços. Partindo desse pressuposto, comungamos com as idéias de Yázigi (2001, p. 381), quando este reconhece o lugar “como uma arrumação que produz o singular, mas estimo que de modo algum se poderá entendê-lo ou trabalhá-lo sem a consideração da extensão de seus sistemas”.

Dessa maneira, o lugar torna-se um dos referenciais indispensáveis e necessários “à vida, nas esferas do cotidiano, do trabalho, dos afetos e dos ideais, mas, desoladamente, com perdas indizíveis” (YÁZIGI, 2001, p. 41). O lugar se dimensiona de maneira “indissociável ao vivido, ao plano do imediato. E é o que pode ser apropriado pelo corpo [...]” (CARLOS, 1996, p. 23). Constituindo-se no mundo do vivido, o lugar é onde se “formulam os problemas da produção no sentido amplo, isto é, o modo como é produzida a existência social dos seres vivos” (CARLOS, 1996, p.26).

Desta forma, o lugar aglomera e amalgama uma multiplicidade de sentimentos identitários, inventados e reinventados ao longo dos tempos. São expressões subjetivas encontradas em cada pedaço, em cada recôndito, em cada fragmento do espaço. A feira da/na cidade, vista como um lugar de sociabilidades aglutina em seu micro-universo uma polissemia de sentimentos de pertença tramados pelos indivíduos que ao praticarem os espaços, subjetivizam algumas de suas partes e recortes, transformando esses espaços banais e aparentemente elementares, em lugares imbuídos

e permeados de símbolos, desejos, representações e manifestações identitárias pulsadas em seus labirintos.

Das sendas da cidade aos labirintos da feira

Ainda é madrugada numa cidade incrustada no sertão do Seridó, os intróitos raios do sol encetam o despontar no horizonte, pincelando o espaço urbano com as luzes policromáticas do amanhecer. O cenário central da cartografia urbana começa a ser adornado e montado com os diversos elementos e/ou formas que possibilitarão mais uma semana de realização da feira livre. É assim o início da feira na cidade de Caicó.

As ruas, gradativamente, vão sendo ocupadas e apropriadas pelos indivíduos participantes desse evento, preenchendo os espaços centrais, até então vazios, da urbe. Para a protagonização deste episódio expressivo, que acontece uma vez por semana nas cartografias urbanas de Caicó, vários personagens são emanados dos mais longínquos recônditos espaciais até os mais próximos.

Acerca dos itinerantes, sejam eles comerciantes ou fregueses, oriundos de outros recortes espaciais, estes percorrem, periodicamente, as sinuosas sendas do sertão, atravessando fronteiras estaduais, regionais e municipais. Geralmente essas travessias levam dias e noites, acontecendo em caminhões, motocicletas e demais veículos, repletos de objetos e produtos que serão comercializados no dia da feira.

Do mesmo espaço caicoense, onde acontece essa manifestação cultural, homens, mulheres, jovens e crianças de todas as idades, provenientes dos espaços rurais, também se mobilizam para participarem de mais um dia de feira, inclusive revisitando familiares e amigos, desenvolvendo, concomitante ao dia de mercado, eventos² e micro-

² Acerca dos eventos, Santos (2002, p. 145) destaca que estes “são, todos, Presente. Eles acontecem em um dado instante, uma fração de tempo que eles qualificam. [...] Os eventos são, pois, todos novos. Quando eles emergem, também estão propondo uma nova história”. Os eventos, representados dentro e fora do espaço da feira, como acontecimentos de dimensão significativa, são eminentemente da atualidade, acontecendo no tempo e no espaço. Assim, como não vivenciamos um momento duas vezes, da mesma forma, os eventos não se repetem, são únicos. Esses eventos podem ser representados por casamentos, missas, batizados, campanhas

eventos³, e efetuando uma multiplicidade de atividades nos inúmeros territórios urbanos construídos ao longo da feira livre.

Nesses dias de mercado, as ruas da cidade são tomadas por uma multidão heterogênea e variada de pessoas, que se mistura e se dissemina nos lugares polifônicos⁴ e se dissolve nos territórios calidoscópicos⁵ da feira, dilacerando o espaço em territórios e praticando os lugares. Conforme Souza (1975, p. 174), nos dias de feira, em alguns mosaicos citadinos do Nordeste brasileiro,

Sertanejos das vizinhanças, ansiosos de fazerem também sua feriazinha, acorrem à cidade, trazendo os produtos da terra ou produtos animais para vender aos forasteiros. Aqui é uma preta que, com seu chapéu de palha, pito à boca, espera o freguês para seus doces; acolá um homem expõe objetos de indústria caseira: esteiras, cestos; outro, mais adiante, vende roupas e chapéus de couro, luvas, chibatas, e tudo se amontoa numa pitoresca desordem.

eleitorais, dentre outras cenas tecidas no interior ou exterior dos mercados livres, mas que são protagonizadas em decorrência da realização do seu dia.

³ Segundo Vedana (2004, p. 58), “Nas interações possíveis entre os personagens que compõem os ‘espaços públicos’ e os ‘espaços privados’, na feira-livre, estão estabelecidos os micro-eventos [...] ou micro-dramas [...], ou seja, pequenas cenas ou acontecimentos que representam a apropriação do espaço por estes atores sociais [...]. A noção de micro-evento [...] é colocada [...] como uma maneira de viver o espaço público através das inter-relações entre os atores envolvidos em alguma cena social, como acontece na feira-livre, principalmente na interação entre fregueses e feirantes que, em geral, reúne diversos atores em uma situação de brincadeira ou piada. Um micro-evento, por excelência, aglutina grupos de pessoas em torno de um objeto comum que, segundo Abraham Moles (1982), pode ser de diversos tipos no que tange ao percurso de um ‘passante’ pelas ruas, desde um ‘artista de rua’ que realiza suas performances na calçada, até mesmo um encontro entre conhecidos em alguma esquina. No caso da feira-livre, o objeto principal destas interações são os alimentos a serem vendidos e comprados e os gestos que decorrem disso”.

⁴ Lugares da feira de onde são ecoados e emanados uma multiplicidade de sociabilidades, falas, sons, cheiros, sussurros, alaridos, dizeres, gritos, vozes, vocíferas, dentre outras expressões.

⁵ Recortes micro-espaciais apropriados e compostos por um conjunto de formas, objetos, luzes, imagens, cores, lances, golpes, olhares, gestos, enfim, uma variedade de representações produzidas, sejam elas mensuráveis ou não, bricoladas em um fragmento do espaço, demarcado, apropriado e controlado por relações de poder.

Esses discursos, narrados e impressos nos caminhos textuais precedentes, se constituem, de forma sistemática, em uma representação peculiar de uma realidade também abrangida pela feira livre, especificamente, nos recônditos do espaço urbano de Caicó.

Atualmente a cidade de Caicó se configura como um centro regional da microrregião do Seridó Ocidental, polarizando toda essa unidade espacial e algumas cartografias urbanas das regiões adjacentes, convergindo atividades referentes aos setores de saúde, educação, comércio e prestação de serviços, e movimentando grandes contingentes populacionais.

Esses serviços são encontrados com mais frequência no próprio centro do tecido urbano, onde este aglutina uma multiplicidade de funções que vão desde os serviços bancários aos serviços odontológicos, supermercados, clínicas, hospital, farmácias, sede da previdência social, fórum, cartórios, serviços de hotelaria e pousada, bares, restaurantes, lojas de calçados e confecções, além de outros tipos de comércio e serviços.

O centro de Caicó, esquartejado, principalmente, pelas duas principais avenidas da cidade, ou seja, Seridó e Coronel Martiniano, portanto é dinâmico e apresenta um ritmo intenso e contínuo de passantes e veículos, revelando o poder concentrador desse espaço em detrimento de outros territórios da urbe. Para Balzac *apud* Carlos (2001, p. 178), o centro da cidade é “onde brilham os grandes espíritos, onde o ar está carregado de idéias, onde tudo se renova”, ou quase tudo.

Corrêa (1989, p. 21) expressa que quanto maior o número de funções centrais de um núcleo urbano “maior a sua região de influência, maior a população externa atendida pela localidade central, e maior a sua centralidade”. Essa representatividade regional, que dá um caráter de cidade pólo a Caicó, foi construída historicamente, remontando a períodos antanhos, em que esse espaço já desempenhava papel de uma das principais urbes empórios do Seridó.

Assim, duas atividades podem ser consideradas marcos na história econômica de Caicó, especificamente até o início dos anos de 1980. Destacam-se a

pecuária de corte extensiva e a cotonicultura. O desenvolvimento dessas práticas sociais em Caicó possibilitou momentos de crescimento econômico e de dinamismos, bem como, de surgimento de inovadoras formas e funções que imprimiram mudanças em sua estrutura urbana.

As luzes multicoloridas dos processos modernizantes, providas, sobretudo, do píncaro das atividades econômicas caicoenses, iluminaram o tácito sítio urbano de Caicó, proporcionando novas maneiras de viver, habitar e labutar nesse espaço.

A cidade, durante o período de pináculo econômico, que inicia nos anos 40 e penetra a década de 70 do século XX, passou por significativas transformações, sendo beneficiada com os inovados objetos geográficos ou equipamentos urbanos que passaram a ornar e/ou matizar as ruas sinuosas, estreitas e acidentadas de Caicó.

Após a década de 70, a economia de Caicó passou por um processo de pendor, com o solapamento da principal atividade tradicional que ancorava os pilares econômicos do espaço citadino. A derrocada da produção algodoeira provocou uma crise sem precedentes na economia caicoense, desestruturando suas bases produtivas.

Em meio à crise que acoitava esse território, os atores sociais caicoenses conseguiram, paulatinamente, reconstruir o cenário, reinventando e reestruturando suas bases produtivas mediante aos escombros provocados e deixados em decorrência da decadência da cotonicultura.

A economia dessa cidade, historicamente e tradicionalmente primária, passou a ser dinamizada, a partir da consolidação dessa crise, por uma expansão terciária, mormente, com o crescimento dos setores do comércio e dos serviços, reerguendo seus pilares econômicos. Essas mudanças contracenadas, nos proscênios caicoenses, influenciaram a dinâmica da cidade, rebatendo nas suas relações e, conseqüentemente, nas concatenações entretecidas no “universo” da feira livre.

Nessa perspectiva, mesmo considerando as modernizações dos equipamentos urbanos inseridos no espaço citadino de Caicó, a feira livre, conforme Dantas (1996, p. 51-52), permanece sendo “uma referência do cotidiano da cidade [...]”. A

ampliação do comércio e a constituição de um setor terciário forte para a região não conseguiram extinguir esse espaço da vida caicoense”.

Embora não estejamos à procura de um ponto inicial, no que se refere à origem da feira de Caicó, não se sabe ao certo, o período em que esta surgiu. As datas de seu “nascimento” parecem que foram esquecidas no túnel do tempo e “sepultadas” em seus espaços urbanos. Contudo, possivelmente as feiras “nasceram” com o surgimento do próprio núcleo populacional.

De acordo com Weber *apud* Vedana (2004, p. 11), o aparecimento das “cidades está relacionado estreitamente com as feiras, que representavam o embrião de uma nova aglomeração humana a partir da atividade comercial”. Todavia, sabe-se que a feira livre de Caicó, em períodos pretéritos, estava enxertada em outro recorte citadino, mais precisamente, na atual praça Senador Dinarte Mariz, ou, praça da Liberdade, como é mais desvelada entre os caicoenses.

Hodiernamente, assentada sobre um chão de concreto, todas as madrugadas e manhãs de sábado⁶ são erguidas estruturas que formam as bancas de hortifrutigranjeiros, carne-de-sol, queijos e biscoitos com a “marca Caicó”, artesanatos, manteigas-da-terra, confecções, sandálias, parafernálias das mais variadas, dentre outros elementos, atendendo e abastecendo a população local e de outras cidades adjacentes.

Nesse dia, o ritmo citadino muda, aumentando os fluxos e mobilidades sociais. Desse modo, “tatuada” na malha urbana de Caicó, a feira ocupa as contigüidades do mercado público, localizado na avenida Coronel Martiniano, e as adjacências do açougue municipal, enxertado na avenida Seridó.

Essa última avenida, atinada como um dos cordões umbilicais da cidade, exerce a função de interligar as duas feiras, formando um corredor comercial, por onde circulam os freqüentadores e outros agentes sociais que, percorrendo as avenidas, ruas, esquinas e calçadas, estabelecem suas sociabilidades, descobrindo nos pequenos trajetos os lugares de parada. As sociabilidades são entendidas, nessa escrita, como um conjunto

⁶ A feira de Caicó acontece em seis dias da semana, sendo que a do sábado é a mais representativa, tendo um caráter mais regional. Quanto às feiras dos outros dias, essas têm uma dimensão mais local.

de apropriações, usos, discursos, olhares, polifonias e representações sobre determinados espaços, territorializados pelas ações conduzidas por grupos sociais.

Nesse contexto, a feira livre de Caicó, perpassada por práticas de poder e microfísicas de ações se institui como um espaço de heterotopias⁷, de mobilidades, de forças e de flexibilidades sociais, onde por meio das diversificadas atividades desenvolvidas, ergue-se uma rede de sociabilidades vivenciadas, sobretudo, pelos *homens ordinários*⁸ no âmbito dos territórios construídos e dos lugares praticados.

Conforme Braudel (1998, p. 16), freqüentada em dias fixos a feira é um “centro natural da vida social. É nela que as pessoas se encontram, conversam, se insultam, passam de ameaças às vias de fato; é nela também que nascem alguns incidentes”. Completando o que foi dito por esse operário do saber, a feira é, paralelamente, uma instituição fragmentada e articulada, “fruto” dos processos culturais desenvolvidos pelos agentes sociais que, ao se apropriarem materialmente e simbolicamente dos espaços, dimanam uma multiplicidade de sociabilidades.

Concernente a feira de Caicó, em seu interior e em suas redondezas, são tecidas uma complexidade de relações e práticas culturais. Essa feira apresenta

⁷ Para Foucault *apud* Soja (1993, p. 25-26), as heterotopias se configuram como espaços característicos do mundo moderno, efetivamente vividos (e socialmente produzidos) dos locais e das relações entre eles. As heterotopias ainda se evidenciam como espaços heterogêneos, singulares e desviantes, encontrados em determinados recônditos sociais, cujas funções são diferentes ou até opostas as outras. Esses espaços “heterogêneos de localizações e relações – as heterotopias de Foucault – são constituídos em todas as sociedades, mas assumem formas muito variadas e se modificam ao longo do tempo, à medida que ‘a história se desdobra’ em sua espacialidade inerente. Foucault identifica muitos desses locais: o cemitério e a igreja, o teatro e o jardim, o museu e a biblioteca, a feira e a ‘cidade das férias, o quartel e a prisão, o hammam muçulmano e a sauna escandinava, o bordel e a colônia. Ele contrasta esses ‘lugares reais’ com os ‘espaços fundamentalmente irrealis’ das utopias, que apresentam a sociedade numa forma ‘forma aperfeiçoada’ ou virada de cabeça para baixo. [...] A heterotopia é capaz de superpor num único lugar real diversos espaços, diversos locais que em si são incompatíveis”.

⁸ Para Certeau (1994), os *homens ordinários* são aqueles que estão, em um determinado momento, submetidos a uma certa ordem, a uma tal disciplina, a uma “dada” regra. Não obstante, os *homens ordinários* não são apenas passivos a essa ordem imposta, mas, pelo contrário, estes criam, recriam, inventam e reinventam uma multiplicidade de mecanismos, de dispositivos e de artes de burlar essa ordem, deixando de ser, a partir do momento em que põem em prática suas táticas desviacionistas, ordinários para ser extraordinários. Ainda de acordo com Certeau (1994, p. 57), o homem ordinário é um “Herói comum. Personagem disseminado. Caminhante inumerável. (...) Este herói anônimo vem de muito longe. É o murmúrio das sociedades. De todo o tempo, anterior aos textos. Nem os espera. Zomba deles. Mas, nas representações escritas vai progredindo. Pouco a pouco ocupa o centro de nossas cenas científicas”.

elementos rústicos e técnicas tradicionais de exposição e venda, com possibilidades de barganha, permutas e pechinchas dos produtos exibidos nessas tertúlias, assim como, artigos considerados modernos. Antigo e novo, arcaico e moderno, espaço e tempo se dissolvem na feira de Caicó, se entrecruzando e se imbricando por entre seus caminhos geopoéticos.

Desenvolvendo uma análise acerca das feiras livres, Fonseca (2006) discorre que nessas instituições tudo se mistura e tudo se transforma. O pretérito e o hodierno, “o campo e a cidade, o mar e o sertão, todos estão ali presentes, nos alimentos, nos olhares casuais, no jeito sempre a vontade dos feirantes, nos modos, costumes, no interesse curioso pelas novidades” (FONSECA, 2006).

Nessa trama complexa, a feira de Caicó não se constitui como um espaço único, mas, como um espaço fracionado em territórios delimitados. No âmbito dessa feira, são construídos territórios de compra, venda e troca, demarcados materialmente pelas barracas, bancas e outros objetos geográficos, bem como, subjetivamente pelos indivíduos que freqüentam esses espaços, praticando-os. Entre os labirintos polifônicos, ruidosos e congestionados da feira livre de Caicó é possível descortinar uma multiplicidade de sujeitos e passantes transitando paulatinamente ou apressadamente por suas sendas.

Atinente à função das feiras, Braudel (1998, p. 14) expressa que “seu papel é romper o círculo demasiado estreito de trocas normais. Sob sua forma elementar, as feiras ainda hoje existem”. Continua Braudel dizendo que, pelo menos, essas instituições ditas arcaicas continuam sobrevivendo e resistindo aos processos modernizadores, de maneira “‘imbatível’ e, em dias fixos, antes nossos olhos, reconstituem-se nos locais habituais de nossas cidades, com suas desordens, sua afluência, seus pregões, seus odores violentos e o frescor de seus gêneros”.

Vedana (2004, p. 215-216), em estudo etnográfico, ao analisar as práticas cotidianas no contexto das feiras livres em Porto Alegre/RS, por meio de uma averiguação das “artes de fazer”, formas de sociabilidades e performances de fregueses e feirantes da Feira da Epatur, considera que a feira livre

[...] representa uma certa marcação de ritmo no cotidiano da vida urbana, um ritmo que pode ser representado pelo seu início e fim e as imagens dos alimentos que vão se deteriorando ao longo do tempo. Um ritmo que fala da organização da vida cotidiana na temporalidade da semana, dos dias que passam até que novamente chegue o dia da feira e os alimentos da ‘cozinha’ possam ser repostos. De qualquer forma, estes rituais do tempo que se expressam nas dinâmicas propostas pela feira-livre e as práticas que engendra, trazem à tona um certo arranjo coletivo de se viver na cidade que está relacionado a uma ligação da vida humana ao cosmos, ou seja, os ciclos que se expressam nesta relação com o alimento também aparecem na periodicidade da feira durante o ano, na mudança de estações que revela uma mudança nas frutas a serem oferecidas, ou então nas táticas dos feirantes em garantir certas provisões. É a própria passagem da vida que é celerada na ambiência da feira-livre.

Nessa perspectiva, a feira livre se expõe, temporalmente, num ritmo cíclico, com começo e término, que se repetem sucessivamente em um movimento de “rotação” dos acontecimentos. Nesse espaço, também se pode perceber uma rede de relações humanas, urdidas pelos diversos andarilhos que, trilhando as veredas dos comércios de ruas, trocam conversas, saberes, fazeres, dizeres, brincadeiras, risos, jocosidades, estratégias, astúcias, experiências, enfim, tecem suas artes de comprar, vender, permutar, de realizar a feira e de fazer múltiplas histórias.

Destacada por uma pluralidade de indivíduos, de grupos, de procedimentos de apropriar-se do espaço e de sistemas informais, a feira livre se apresenta como o local usado e ocupado por velhos aposentados, políticos em suas propagandas eleitorais, mendigos, pedintes, desempregados, camelôs, solitários anônimos, engraxates,

vendedores ambulantes, pregadores da palavra do Senhor, isto é, pelas várias classes sociais que, amalgamadas, formam o elenco que atua e desenvolve os capítulos das teledramaturgias reais da vida cotidiana das cidades. É nesse universo da feira que ocorrem as perambulações à procura de compras, vendas, reciprocidades, consumos, paqueras, prazeres, desopilações, entretenimentos, diversões, diálogos, amizades, furtos, vícios, orgias, isto é, uma proteiforme rede de sociabilidades.

Dessa maneira, “entrecortada nos diferentes tempos e espaços por olhares, usos e diferentes formas de apropriação, as redes de sociabilidades fazem [...] [da feira] o palco possível da vida urbana” (CORADINI, 1995, p. 21). As sociabilidades são tecidas no âmbito dos espaços públicos e privados, por meio das relações entre os indivíduos e suas capacidades de estabelecerem laços afetivos e sociais com outros personagens, tramando concatenações harmoniosas com seus semelhantes e convivendo coerentemente com as demais pessoas.

Desse modo, a feira de Caicó se configura como um prosclênio, onde os *indivíduos ordinários* protagonizam uma variedade de cenas multiformes e fragmentárias. Astúcias silenciosas e sutis, táticas enunciativas e desviacionistas, práticas e maneiras cotidianas, ritualizações *ordinárias* enfim, artes de fazer a feira livre nas tessituras urbanas de Caicó.

Destarte, ao caminhar pelos traçados das ruas e avenidas do núcleo central de Caicó, atina-se que a sua feira livre, como retrato de uma realidade do rural/urbano, consegue resistir à “modernidade do ar condicionado, das lojas fechadas, das vitrines sedutoras, das propagandas sofisticadas, [...] diluindo-se as fronteiras entre o moderno e o tradicional, o campo e a cidade” (DANTAS, 1996, p. 52).

Além de resistir ao avanço dos processos de modernização do espaço urbano caicoense, a feira livre, outrossim, se constitui, embora com certas modificações decorrentes das mudanças nos arranjos sociais contemporâneas, como um mosaico de territórios calidoscópicos construídos e lugares polifônicos praticados, interligados por múltiplas relações sociais, onde cada um destes territórios e lugares são atinados como segmentos de espaços das conversas, das tradições, dos encontros, das transgressões,

das experiências, das compras, vendas e permutas, das performances corporais e orais, dos usos e consumos, das táticas, estratégias e astúcias, enfim, das imagens, cheiros e sonoridades que se imbricam, se misturam e se estilhaçam em suas múltiplas cartografias geográficas.

Urdiduras finais

Encravada em pleno sertão do Seridó Potiguar, mais precisamente nas cartografias citadinas de Caicó, a feira livre, embora com algumas modificações decorrentes das mudanças nos arranjos sociais contemporâneos, se configura, ainda, como uma das instituições mais antigas dessa cidade, onde são buriladas uma multiplicidade de relações simbólico-culturais.

Dessa maneira, a feira livre, como uma imagem fragmentária da realidade do rural/urbano de Caicó, se constitui em um mosaico de espaços territorializados, subjetivados e praticados, onde são tecidos uma polissemia de artes e práticas de vender, trocar, comprar e, conseqüentemente, de sociabilizar-se. A partir dessas conotações urdidas pelos sujeitos que se apropriam do espaço central da urbe de Caicó durante os sábados, a feira livre se caracteriza em uma diversidade de lugares de sociabilidades nos quais são protagonizados uma grande variedade de saberes, fazeres e dizeres da cultura caicoense em consonância com elementos culturais oriundos de outros espaços.

Portanto, a feira livre, como um patrimônio cultural da sociedade de Caicó, se evidencia em um espaço permeado por tradições inventadas e reinventadas, por luzes, cores, sons, cheiros, afetividades e forças telúricas que se amalgamam e se dissolvem por entre suas cartografias sentimentais. Em seus meandros, os sujeitos, participantes desse evento, tramam suas tessituras sociais, construindo territórios dos mais diversos possíveis e praticando lugares no ato de fazer e refazer a feira livre.

Bibliografia

BRAUDEL, Fernand. **Os jogos das trocas**. – vol. 2 – São Paulo: Martins Fontes, 1998;

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990;

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole**: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001;

_____. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996;

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 1994;

CORADINI, Lisabete. **Praça XV**: espaço e sociabilidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas e Fundação Franklin Cascaes, 1995;

CORRÊA, Roberto lobato. **A rede urbana**. São Paulo: Ed. Ática, 1989;

COSTA, Benhur Pinós da. As relações entre os conceitos de território, identidade e cultura no espaço urbano: por uma abordagem microgeográfica. In: ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia**: temas sobre cultura e espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005, p.79-113;

DANTAS, Eugênia Maria. **Retalhos da cidade**: revisitando Caicó. 110p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais, mimeog.) – UFRN, Natal/RN, 1996;

FONSECA, Ana Cláudia Mafra da. Feira livre. **Galante**. Fundação Helio Galvão. Natal, v.3, n.11, maio. 2006;

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. – 11ª reimpressão. – Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1995;

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. Tradução de Federico Carotti. – 2ª reimpressão. – São Paulo: Companhia das Letras, 2001;

_____. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. Tradução de Betânia Amoroso. – 5ª reimpressão. – São Paulo: Companhia das Letras, 1991;

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. – 7ª ed. rev. – Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 2005;

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste**. Niterói: EDUFF, 1997;

MACHADO, Roberto. Introdução: por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. – 11ª reimpressão. – Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1995, p.VII – XXIII;

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ed. Ática, 1993;

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2002;

SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1993;

SOUZA, Elza Coelho. Feira de gado. In: **Tipos e aspectos do Brasil**. - 10ª ed. - Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1975, p.172-175;

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de et al (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. – 5ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p.77-116;

TUAN, Yu Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983;

VEDANA Viviane. **“Fazer a feira”**: estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre/RS. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004;

YÁZIGI, Eduardo. **A alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas**. São Paulo: Contexto, 2001.